

A FLORESTA NACIONAL AS CELULOSES E OS “INTELECTUAIS DO PAU”

As empresas de celulose e de aglomerados, nas mãos de três ou quatro grandes grupos económicos e multinacionais, estão de novo, em toda a linha, a pressionar a fileira florestal, os governantes e a opinião pública.

Dizem até (ou chantageiam?) que têm recursos para investir em Portugal mas que, tal como estão as coisas na fileira, não podem investir cá e terão que ir investir para fora do País...

O maior pretexto para uma tal pressão é, pois, o da alegada falta de matéria prima para se abastecerem no mercado nacional, pelo que estão a ser “forçadas” a importar madeira, dizem-nos.



Por coincidência – ou não será por coincidência ? - aí temos um numeroso coro de pressurosos “intelectuais do pau” a teorizarem sobre os males da nossa Floresta e a coincidirem – ou não será pura coincidência ? – numa das principais “teses” das celulosas: - segundo eles, a maior culpa pela situação, de facto muito preocupante da Floresta Nacional, recai sobre a “pulverização” da propriedade rústico-florestal. Portanto, concluem, é preciso “re-estruturar” a propriedade ou seja, é necessário “re-estruturar” centenas de milhar de pequenos e médios proprietários/produtores florestais e, até, de “re-estruturar”, enfim, a propriedade comunitária dos Baldios

os quais, por sinal, até dispõem de áreas florestais grandes.

Isto até parece já uma “teoria” para dar cobertura a uma espécie de “solução final” para umas centenas de milhar de pequenas parcelas florestais...

Bem, mas antes de prosseguir, devo explicar por que razão me lembrei de apelidar esses “teóricos” da Floresta de “intelectuais do pau”: - é que na essência das suas conjecturas – e alguns deles são pessoas com grandes

responsabilidades perante o que de mau aconteceu e acontece na nossa Floresta – na essência das suas conjecturas, dizia, tendem para apoiar (talvez por desinformação da maior parte deles) a produção industrial intensiva, monocultural, de espécies florestais de crescimento rápido. Ora, em Portugal e no mundo, produzir madeira não é a mesma coisa que produzir “pau” (e esta paga direitos de autor...).

Sim, produzir madeira não é a mesma coisa que produzir “varas” de eucalipto e mesmo de pinheiro. “Varas” que da mata seguem para serem estilhaçadas, trituradas, submergidas e cozidas em colas, vernizes e ácidos nas celulosas e nas fábricas de aglomerados !

Mas, afinal, será que a excessiva concentração da propriedade/exploração florestal em áreas enormíssimas nas mãos de grandes proprietários/produtores – como acontece no eucalipto e no sobreiro – será que essa muito grande concentração da propriedade não é um problema sócio-económico e ambiental ainda maior que o da pulverização da propriedade?

A elevada concentração da propriedade/produção florestal, por exemplo na mão das celulosas, permite controlar a fileira e impor baixos preços da madeira aos pequenos e médios Produtores Florestais. E no Sobreiro (cortiça) é a mesma coisa. Por outro lado, as monoculturas intensivas são sempre prejudiciais ao ambiente e à Natureza (biodiversidade).

Acontece que o factor, por excelência estruturante, é o preço à Produção e isso também é válido para a produção florestal.

A nossa madeira, na mata, está a preços de miséria. Assim, em tais condições, nem um “milagre” poderá resolver o imbróglio da chamada “gestão activa” da Floresta. E uma vez que as celulosas estão “cheias” de recursos financeiros, então por que razão não pagam mais pela madeira ? Pagando melhor pela madeira, logo aumentaria bastante a produção mesmo com a “pulverização” da propriedade. Aliás, já foi isso mesmo que aconteceu há vinte e tal anos atrás quando o “novo” eucalipto se “apropriou” de vastíssimas áreas onde até aí havia pinhal... O problema é que as celulosas e outras grandes empresas da fileira estão muito interessadas em obter a matéria prima ao mais baixo preço seja em Portugal seja em África ou Brasil ou China.



Entretanto, a Floresta Nacional continua desprotegida e desordenada. Órfã de políticas públicas eficazes.

Com o PRODER ausente da produção florestal. Com as “famosas” ZIF a patinar – as ZIF foram uma “invenção” que, por assim dizer, já “ardeu”...

Com pragas e doenças a dizimarem a Floresta a um ritmo hoje mais “sistemático” do que o dos próprios incêndios florestais.

Daí que a CNA tenha proposto a este governo a concretização de um “Plano Nacional de Emergência” para combater as pragas e doenças da nossa Floresta. Antes que áreas enormes passem a ser “cemitérios de pau podre”...

João Dinis